

O ALIENISTA DE MACHADO DE ASSIS: CRÍTICA AO DISCURSO AUTORITÁRIO SOBRE O PENSAR TECNOLÓGICO

Natasha Suelen Ramos de Saboredo¹
Ângela Maria Rubel Fanini²

Resumo – O objeto de análise deste artigo é o conto *O Alienista* (1998), de Machado de Assis, sob a perspectiva da obra *Serenidade* (2000), de Martin Heidegger. O intuito é expor a sátira presente na obra machadiana acerca do discurso científico que se pretende absoluto e inquestionável, o qual Heidegger criticamente aborda em sua obra. Estabelecendo uma conexão entre o escritor e o filósofo, é analisada, além do poder científico, a forma autoritária com a qual o pensar é conduzido no meio científico e tecnológico no conto machadiano. Para Heidegger (2000), o universo técnico tanto prende o homem quanto o torna parte da técnica, pois a falta de reflexão faz com que o homem perca o controle do desenvolvimento dessa técnica, sendo subjugado por ela. Nesse caso, é uma vontade nata do ser humano querer subjugar as coisas ao seu poder e, por intermédio da técnica, ele deseja controlar tudo. Entretanto, como não há uma reflexão acerca do uso dessa técnica, o homem acaba perdendo o controle do seu desenvolvimento e invertendo o papel de dominador para dominado. O homem perde sua identidade e sua essência (o ser), e a vontade que ele tem de controlar tudo acaba cegando-o de tal modo que a verdadeira manifestação do ser é impedida. A ausência de reflexão, segundo Heidegger (2000), prepara o homem para uma era de inquestionabilidade. Para se fazer essa análise acerca do pensamento, e como foge ao controle o que se tenta subjugar pelo poder absoluto e exato, é utilizado o conceito heideggeriano do pensamento que calcula e do pensamento que reflete, sobretudo na fala e atitudes da personagem principal Simão Bacamarte.

Palavras-chave: Discurso científico – Pensamento calculista – Literatura Brasileira

Abstract - This article concerns the analysis of the short story *The Alienist* (1998) by Machado de Assis, from the perspective of *Serenity* (2000) philosophical work of Martin Heidegger. The intent is to expose the satire present in Machado's works on the scientific discourse that desires to be

¹Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (FAFICA) Caixa Postal 67 – 55030-902 – Caruaru – PE – Brazi (almir.moura@gmail.com, robson.campelo@gmail.com, marciatabosa.mmt@gmail.com, anahscarneiro@gmail.com)

absolute an unquestionable which, is criticized by Heidegger. Establishing a connection between the authors, it is considered how the act of thinking is conveyed and controlled by will of power in Machado's short story. According to Heidegger (2000), the technical universe seizes mankind and makes man part of the technique, and the lack of reflection makes man lose control of the development of this technique, being overwhelmed by it. In this case, it is an innate desire of human being wanting things subjugated to their power and, through technique, man wants to control everything. However, as there is no consideration on the use of this technique, men ends up losing control of their development and reversing the role of dominator and dominated. Human beings loses their identity and essence. The desire to control everything ends up blinding man so that the true manifestation of the being is stopped. The absence of consideration, according to Heidegger, prepares mankind for an era of unquestionability. Heidegger's concept about the thought that calculates and the thought that reflects is applied to the speeches and attitudes of the main character, Simão Bacamarte - who is under control of scientific discourse.

Key-words: *Scientific discourse – Technical thinking – Brazilian Literature*

1. Introdução

Antes de introduzir a questão abordada em *Serenidade* (2000), de Martin Heidegger, faremos um levantamento de mais duas obras heideggerianas para expor seus conceitos acerca da ciência e da técnica, complementando-os com um artigo de Ricardo Cocco (2006).

Em *A questão da técnica* (1997), também de Heidegger, considerar a técnica algo neutro é estar cego para a sua essência. Acredita-se que a essência de alguma coisa é aquilo que ela é, logo, a técnica é um meio para um fim e também uma atividade do homem. Nesse texto, Heidegger (1997) explora a essência da técnica moderna, revelando-a como uma forma de desencobrimento intitulada composição (Gestell), na qual se funda toda a produção. Esse desencobrimento age como uma forma da técnica moderna explorar a natureza e se impor a ela, usando-a ao seu bel-prazer. Se antes algo era instalado na natureza para auxiliar o homem, agora a natureza é instalada na técnica para servir ao homem – a natureza se tornou um objeto para ser explorado pelo homem. O desencobrimento da técnica moderna é explorador, e mesmo que seja destrutivo, como explorar a energia nuclear do urânio, ele ainda assim ocorre. Já o homem pertence à disponibilidade, ou seja, independentemente do quão silvestre o seu trabalho seja, ele está à disposição

da indústria. A palavra composição (Gestell) designa algo como um esqueleto (algo que sustenta) e é o tipo de desencobrimento que rege a técnica moderna, mas que em si mesmo não é técnico. É um desencobrimento que não reduz a técnica à mera atividade humana ou a um meio dessa atividade, sendo algo embasado na disponibilidade. A partir do momento em que a técnica se apoia nas ciências exatas da natureza, ela passa a ter um pensamento mais calculista e exato, buscando formas de subjugar todos os recursos ao seu poder. Já o destino do desencobrimento é o que apresenta o perigo; quando o homem se reduz a dispor da disponibilidade, ele só se toma por disponibilidade e isso é o horror, pois é esse homem que quer deter o poder. O perigo está no mistério da essência da técnica, pois a técnica em si não é perigosa: “A composição é o perigo extremo porque justamente ela ameaça trancar o homem na disposição, como pretensamente o único modo de desencobrimento.” (HEIDEGGER, 1997, p.34) O homem quer dominar a técnica moderna, e segundo Heidegger (1997) “este querer dominar torna-se tanto mais urgente quanto mais a técnica ameaça escapar ao controle do homem.” (p.12)

Quanto ao conceito heideggeriano acerca da ciência moderna, há uma reflexão sobre a essência da ciência no texto *Ciência e Pensamento do Sentido* (1997). A ciência possui um lado além do simples querer conhecer do homem, entretanto ele fica preso às representações habituais da ciência. A ciência moderna está envolvida praticamente em tudo o que se tem no mundo contemporâneo, e sua essência está na frase “a ciência é a teoria do real” (HEIDEGGER, 1997, p.40). E o que significa esse real? Ele é tanto o operante como o operado, ou seja, o que leva ou é levado pela vigência. O real é o que antecede aquilo que veio primeiro (causa prima). Partindo desse pressuposto, a partir do século XVII a palavra “real” torna-se sinônimo de “certo”; o real então passa a ser concebido como objeto (Gegenstand). Já a “teoria” se refere à observação da fisionomia do vigente, tornando-se ele por essa visão. A teoria é a observação do real, entretanto no sentido de almejar, querer algo e apossar-se dele. Logo, a teoria quer se apoderar do real: a ciência transforma o real numa variedade de objetos para dele se servir com suas pesquisas científicas. A forma como se dá o pensamento da ciência moderna é por meio do cálculo (procedimento que assegura e processa a teoria do real), cujo significado será melhor explorado mais adiante. Para a ciência, o real se pode medir, ou seja, medir objetivamente aquilo que está dentro da natureza, algo que exprime melhor a essência da ciência moderna. Por fim, o que rege a essência da ciência, segundo Heidegger (1997), é o incontornável, o qual é inacessível. Heidegger (1997) define o incontornável inacessível como “conjuntura discreta”, pois o discreto é aquilo que não chama a atenção – e a essência da ciência é discreta, porque raramente se pensa sobre ela.

Para finalizar esse levantamento, encontra-se no texto de Ricardo Cocco

(2006), intitulado *A questão da técnica em Martin Heidegger*, um apanhado geral da obra heideggeriana, cujo texto aponta o universo técnico como algo que tanto prende o homem como o torna parte da técnica, algo que, nas palavras do autor, torná-lo-ia um objeto a ser encomendado. A metafísica, para Heidegger, é algo ontológico, e está ligada ao esquecimento do que realmente é o ser e qual é a sua essência e o seu sentido: “A metafísica reduziu o ser do ente à certeza de representação e à vontade de controle como vontade do sujeito de reduzir tudo a si mesmo.” (COCCO, 2006) O ser não é o ente, embora esteja intimamente ligado a ele. Os entes são aqueles que se encontram no horizonte do ser – é aquilo o que o ser apreende. Nessa questão do ser perante a ciência e a técnica moderna, subjugam-se o ser a partir da aparição dos entes, tornando esse ser objetivo, calculista. E então, quando o ser do ente se reduz à ocupação técnica, não resta mais o ser, apenas restam-lhe os entes. Cocco (2006) ainda comenta que Nietzsche define o ser como “vontade de poder”, o que para Heidegger seria “vontade de vontade”, pois a vontade é o puro querer, e isso é o “querer o poder”. Essa vontade de manipular cega o homem e o submete ao pensamento sem reflexão, ao pensamento puramente calculista; essa vontade de tudo querer dominar impede a verdadeira manifestação do ser. É a partir desse ponto que se adentra a discussão presente em *Serenidade* (2000).

A obra *Serenidade* (2000), de Martin Heidegger, está inserida em um contexto pós-guerra e tem como preocupação o rápido desenvolvimento tecnológico e científico. O autor tece uma reflexão acerca desse período, alertando para a falta de reflexão por parte do homem sobre esse desenvolvimento. Sendo assim, Heidegger expõe dois tipos de pensamento para explicar sua teoria: o *pensamento que calcula* e o *pensamento que reflete*. Por intermédio do conceito de *pensamento que calcula*, será visto em *O Alienista*, de Machado de Assis, como esse tipo de pensamento se aplica ao médico Simão Bacamarte e o porquê de não haver reflexão por parte dessa personagem.

Assim como o discurso presente em *Serenidade* está em um contexto pós-guerra, *O Alienista*, escrito em 1882, está em um cenário de mudanças locais. A partir, sobretudo, de meados do século XIX, a produção industrial centralizada na Inglaterra se descentralizou, partindo também para o noroeste europeu e leste dos Estados Unidos da América. Esse processo de industrialização mundial, iniciado pela Revolução Industrial, trouxe um número grande de novidades tecnológicas. O Brasil também inicia seu processo de industrialização, de implementação de ferrovias, portos, estaleiros e do telégrafo. A ciência e a tecnologia começam a adentrar o país de modo ainda incipiente, mas já se constituindo e mudando o contexto brasileiro. Sabe-se que em decorrência principalmente da Revolução

industrial na Inglaterra, a ciência passa por um grande e substantivo processo de aplicabilidade, auxiliando o desenvolvimento de equipamentos e processos tecnológicos para o novo modo de produção.

Assim, no século XIX, época em que Machado de Assis escreve, a ciência passa, cada vez mais, a se intensificar e a se fortalecer. A literatura não se mantém alheia a esse cenário, incorporando o discurso científico tanto para exaltá-lo como para criticá-lo. No caso em tela, o escritor em *O Alienista* (1998) passa a criticar a ciência. Aqui, destaca-se a perspectiva de Candido (1981) que advoga a relação entre literatura e contexto social e histórico. Segundo Candido (1981), o texto é um resultado de fatores externos somados à individualidade do autor; o valor desse texto se dá pela maneira como o autor trabalha os elementos não-literários – como paixões e ideias –, não pela qual ele os exprime; a expressão precisa ter eficácia, pois a emoção é apenas o pontapé inicial: “Uma obra literária é uma realidade autônoma, cujo valor está na fórmula que obteve para plasmar elementos não-literários (...). A sua importância quase nunca é devida à circunstância de exprimir um aspecto da realidade, social ou individual, mas a maneira por que o faz” (CANDIDO, 1981, p. 34) Sendo assim, encontramos em *O Alienista* (1998) uma história cujo embasamento é a realidade de meados do século XIX, tendo como fruto o universo criado por Machado de Assis. A resistência ao cientificismo é o que o conto machadiano exprime, e é esse o ponto importante para o estudo literário do qual fala Candido (1981). Esse novo contexto leva o escritor a escrever sobre o discurso científico e a narrá-lo de um certo modo. Machado de Assis vive em um tempo em que as ideias científicas passam a ser cada vez mais presentes.

2. O pensamento que calcula como condutor do poderio tecno-científico

A questão do pensamento é o foco da obra *Serenidade* (2000) do filósofo Martin Heidegger. O autor introduz seu texto com uma breve explicação acerca da pobreza-de-pensamentos que ocorre porque o homem fica sem-pensamentos com sobeja facilidade, pois, com o passar do tempo, o conhecimento se tornou algo mais rápido e econômico – e essa rapidez para memorizar fatos e coisas é proporcional à velocidade para esquecê-las. Entretanto, essa pobreza-de-pensamentos existe justamente pelo homem possuir a essência e a capacidade de pensar – só se pode perder aquilo que se possui; independentemente de haver ou não pobreza-de-pensamentos, o homem não renuncia totalmente à capacidade de pensar.

Desse modo, o autor afirma que o homem dos últimos dois séculos está

em uma fuga-de-pensamentos – e o homem tem dificuldade para reconhecer essa falha. Devido aos avanços tecno-científicos, acredita-se que esse homem nunca deu tanta atenção ao pensamento – o que não deixa de ser uma verdade, pois o pensamento que calcula é indispensável para a organização e realização de tais objetivos – porém não há reflexão. O pensamento que calcula precisa estar conectado ao pensamento que reflete, e é justamente essa reflexão o tipo de pensamento quase ausente no homem. A evolução tecnológica e científica que se deu nas últimas décadas tornou o conhecimento rápido, econômico e exato – havendo pouca ou nenhuma reflexão:

Esse cálculo caracteriza todo o pensamento planejador e investigador. Este pensamento continua a ser um cálculo, mesmo que não opere com números, nem recorra à máquina de calcular, nem a um dispositivo para grandes cálculos. O pensamento que calcula (*das rechnende Denken*) faz cálculos. Faz cálculos com possibilidades continuamente novas, sempre com maiores perspectivas e simultaneamente mais econômicas. O pensamento que calcula corre de oportunidade em oportunidade. O pensamento que calcula nunca pára, nunca chega a meditar. O pensamento que calcula não é um pensamento que medita (*ein besinnliches Denken*), não é um pensamento que reflete (*nachdenkt*) sobre o sentido que reina em tudo o que existe. (p.13)¹

Partindo das críticas heideggerianas expostas nos parágrafos anteriores, encontra-se no conto *O Alienista*, de Machado de Assis, uma crítica - realizada através da sátira - bastante semelhante aos propósitos de Heidegger. Para introduzir essas convergências, vale estabelecer uma conexão entre os dois textos a partir de Alfredo Bosi (2002)², que, na obra *Literatura e Resistência*, explica essa ligação da obra literária com a realidade. A narrativa de resistência aparece quando há uma “diferenciação aguda dos papéis sociais. Nesse caso, o artista da palavra pode desenvolver, solitária e independentemente, a sua resistência aos antivalores do meio.” (BOSI, 2002, p. 125). Por meio da resistência, o autor cria uma obra ligada tanto ao ético quanto ao estético; o narrador molda uma trama (estética) cujo princípio da realidade é o responsável pela realização dos seus valores no campo ético. Machado de Assis, em seu conto, resiste ao discurso científico, criando uma narrativa que o enfraquece, resistindo ao valor que a ciência passava a tomar no período da escritura do conto.

A partir do conceito anteriormente exposto, Machado de Assis satiriza em seu conto, principalmente, o poderio científico – ou o poder absoluto – que acaba sendo apontado como algo com ausência de reflexão – o que é criticado por Heidegger em *Serenidade*. Na obra *O Alienista*³, Simão Bacamarte, o protagonista, é caracterizado por meio do pensamento que calcula: trata-se do

pensamento que não se interrompe para a reflexão, é econômico e está sempre em movimento; gera sempre novas formas para classificar algo, tentando restringir tudo ao seu controle. Sob o prisma heideggeriano, avaliar-se-á na obra *O Alienista* a questão do pensamento que calcula e do excesso de poder – principalmente voltado para a ciência e a técnica.

Para compreender melhor a relação entre a obra de Heidegger e a de Machado de Assis, será feito, de forma sucinta, um apanhado geral do texto machadiano. *O Alienista* revela o interesse exacerbado de Simão Bacamarte pela ciência. Médico conceituado até em Portugal, refugia-se em Itaguaí para estudar a loucura e descobrir um remédio universal para esta, visto que esse ramo da ciência não era ainda explorado. Sendo o único médico psiquiatra da cidade, ele consegue autorização para abrir um asilo intitulado Casa Verde, local onde interna as pessoas que considera não possuir sanidade mental. Suas teorias sobre a loucura estão sempre em movimento e criando mais formas de classificação, fazendo-o aumentar o número de internos da Casa Verde e iniciando uma divisão dos loucos:

(...) O principal nessa minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal. Este é o mistério do meu coração. Creio que com isto presto um bom serviço à humanidade. (OA, p. 19)

No trecho anterior da obra, pode-se inserir também a seguinte ideia: tudo o que parte da ciência é algo positivo. No decorrer da obra, esse ponto é desenvolvido por meio da ironia, pois o saber científico de Bacamarte é, de certa forma, ridicularizado. Retornando ao resumo da obra, a obsessão do médico se torna tão grande que até a própria esposa, D. Evarista, é internada no asilo. Os exageros de Bacamarte acabam deixando a população revoltada, iniciando-se então uma rebelião - liderada pelo barbeiro Porfírio, o qual “declarou que iam dali levantar a bandeira da rebelião, e destruir a Casa Verde; que Itaguaí não podia continuar a servir de cadáver aos estudos e experiências de um déspota (...)” (OA, p.48). A rebelião que fica conhecida como “A Revolta dos Canjicas” não apresenta resultados.

Para ilustrar a revolta da população na obra *O Alienista* contra o médico Simão Bacamarte, tem-se no seguinte trecho a comparação das atitudes “insanas” do médico à Revolução Francesa “(...) e os trezentos que caminhavam para a Casa Verde – dada a diferença de Paris e Itaguaí – podiam ser comparados aos que tomaram a Bastilha.” (OA, p. 50). A Bastilha não foi uma simples prisão francesa, e sim um significativo cárcere para os que se opunham à Coroa. O episódio da Queda da Bastilha se deu em 14 de julho de

1789, sob o regime absolutista do rei Luís XVI. Trouxe consequências reais para a França como mudanças políticas, econômicas, mas também simbólicas e de empoderamento de outras classes sociais aliadas ao poder, pois contou também com o apoio das massas, cujo ideário de “liberdade, igualdade e fraternidade” motivou-os a se revoltarem contra o poder absolutista – principalmente devido às condições econômicas do país na época. No conto, tal como na Revolução Francesa, a Revolta dos Canjicas é uma oposição ao poder absoluto. Outra menção à Revolução Francesa está no trecho “e não restituiria a paz a Itaguaí antes de ver por terra a Casa Verde – 'essa Bastilha da razão humana!'” (OA, p. 49). Pela explicação dada acerca da Bastilha, essa colocação de “Bastilha da razão humana” propõe que a Casa Verde, como a Bastilha, retém os que se opõem às ideias de Bacamarte. O médico encaixa qualquer discurso, argumentação ou atitude em uma determinada patologia, deixando a população receosa. As pessoas temem contestar o alienista com medo de serem recolhidas à Casa Verde – assim como os franceses temiam se opor ao regime absolutista no século XVII, pois tinham receio de serem detidos na Bastilha. Entretanto, apesar do medo, muitos contestam e se opõem, mas as investidas são infrutíferas visto que Simão Bacamarte não é impedido de proceder conforme seu poder científico.

Retomando o resumo, o médico novamente altera seu critério de classificação dos loucos e acaba repensando em alguns casos, liberando alguns dos pacientes que considerou com as faculdades mentais perfeitas; e novamente Simão inverte o critério, recolhendo à casa a minoria sã da população. A sátira machadiana se encerra quando Bacamarte chega à conclusão de que é o único com juízo realmente perfeito em toda a Itaguaí, liberando todos da Casa Verde e se internando no local para se autoestudar. O médico morre dezessete meses depois de sua internação e, mesmo com o boato de que era o único realmente alienado em Itaguaí, recebeu honras póstumas pelo serviço prestado.

A partir do que foi exposto da obra machadiana, pode-se notar que o médico Simão Bacamarte segue exclusivamente a linha do pensamento que calcula. À medida que o enredo se desenvolve, ele vai criando e recriando várias teorias e possibilidades para definir as patologias de seus pacientes, pois a ciência se define, nas palavras do médico, como “uma investigação constante” (OA, p.28). Esse pensamento que calcula faz parte de Bacamarte e nunca para, o que acaba eliminando a possibilidade de reflexão ou meditação: “Em cada dia notava uma observação nova, uma descoberta interessante, um fenômeno extraordinário.” (OA, p.23). Não há uma reflexão acerca das doenças; Bacamarte as analisa superficialmente e, de acordo com seus estudos científicos, classifica o doente em um determinado grupo - eliminando-se a reflexão. Dessa forma ele exclui a essência do indivíduo e faz com que a

palavra (a definição da patologia) seja a sua nova essência: “Dividiu-os primeiramente em duas classes principais: os furiosos e os mansos; daí passou às subclasses, monomanias, delírios, alucinações diversas.” (OA, p. 22).

A comunidade se revolta, mas como desconhece a linguagem usada por Simão Bacamarte, não a confronta dentro de sua lógica. Aí, o discurso científico parece hegemônico e sobressai em relação ao discurso dos leigos; o discurso desses parece não ter o mesmo poder daquele. A questão já abordada acerca de Simão Bacamarte estudar uma área ainda inexplorada da ciência o faz deter o conhecimento absoluto em suas mãos. Não há alguém para contestar suas ideias; as pessoas temem contestar a ciência por desconhecerem o seu estudo. Aí entra a ausência-de-pensamento, pois é mais fácil aceitar algo já desenvolvido e pronto do que estudar, refletir e questionar o que é oferecido como certo. A ciência não é questionada, apenas é aceita; ela domina o contexto e detém um controle absoluto e exato, como atesta o seguinte trecho do conto machadiano:

Indented text: Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal-explorada, ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se com 'louros imarcescíveis' – expressão usada por ele, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores. (p. 15)

Retomando ainda essa ideia do poder concentrado nas mãos do alienista, a supremacia científica se dá pela ausência de reflexão acerca da própria ciência. Suas descobertas são vistas como um avanço, todavia, tecendo uma linha de raciocínio heideggeriana, não se olha como a técnica científica chegou às suas descobertas e resultados. A partir de outro trecho do conto, é possível explicar um dos causadores desse problema:

Indented text: - Meus senhores, a ciência é coisa séria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. (...) Poderia convidar alguns de vós, em comissão dos outros, a vir ver comigo os loucos reclusos; mas não o faço, porque seria dar-vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos, nem a rebeldes. (p.53)

Em contrapartida, para alguém criticar o sistema utilizado por Simão Bacamarte, precisaria, por exemplo, ser formado em Medicina e especializado no ramo da Psiquiatria – seria um discurso relevante e competente para ir de encontro ao do alienista. Tratando-se de uma área inexplorada e sem outros profissionais que dominassem esse conhecimento, Bacamarte acaba

concentrando o poder em suas mãos – não há alguém para contestá-lo, pois o discurso de um leigo possui pouco valor em decorrência de que esse não é especializado no que diz. Toda uma superestrutura do pensamento científico se sobrepõe ao pensar leigo, do povo em geral.

Complementando o exemplo exposto no parágrafo anterior com a crítica abordada em *Serenidade*, o poderio científico não é contestado porque um leigo não pode avaliá-lo, pois não é dado valor ao seu discurso. A ciência pertence ao cientista. Justamente por causa desse tabu, as pessoas temem avaliar ou contestar essa ciência, pois se consideram leigas no assunto – se o cientista diz que sua descoberta é algo positivo para a humanidade, pensa-se que ele, com certeza, está certo; ele tem conhecimento do que está dizendo, não se pode contestá-lo:

(...) o recanto psíquico, o exame da patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal-explorada, ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de “louros imarcescíveis” – (...) (OA, p. 15)

(...) mas pode entrar no ânimo do governo eliminar a loucura? Não. E se o governo não a pode eliminar, está ao menos apto para discriminá-la, reconhecê-la? Também não; é matéria de ciência. (OA, p. 63-64)

A partir do valor do discurso, há o controle do conhecimento; ao invés de usar o pensamento que calcula juntamente com o que reflete – pois os dois juntos permitem um pensamento mais consistente do que quando trabalhados separadamente –, usa-se apenas o pensamento que calcula, afinal a ausência da reflexão permite que haja um controle maior (alienação). Segundo Heidegger, a questão da ciência e da técnica tem controlado e dominado cada vez mais o homem que, sem reflexão, fica à mercê do discurso e prática científicos:

Ninguém poderá prever revoluções que se aproximam. Entretanto a evolução da técnica decorrerá cada vez mais rapidamente e não será possível detê-la em parte alguma. Em todos os domínios da existência as forças dos equipamentos técnicos e dos autômatos apertarão cada vez mais o cerco. Os poderes que, sob a forma de quaisquer equipamentos e construções técnicos, solicitam, prendem, arrastam e afligem o Homem, em toda a parte e a toda a hora, já há muito superaram a vontade e a capacidade de decisão do Homem porque não são feitos por ele. (p. 20)

Em um determinado momento da obra machadiana há uma similaridade com essas palavras de Heidegger. Não há mais como deter o crescimento do poder de Bacamarte e a expansão do pensamento que calcula. A ausência da reflexão faz com que surjam coisas desnecessárias ou prejudiciais ao homem, pois o controle do conhecimento e o uso exclusivo do pensamento que calcula aponta – tanto na obra de Heidegger quanto na sátira machadiana – que há pontos negativos, quando o conhecimento se transforma em ânsia pelo poder, na ausência de reflexão por parte dos considerados leigos. Não basta possuir o conhecimento de algo, é preciso refletir sobre esse conhecimento.

Para Heidegger (2000), as descobertas científicas e tecnológicas são vistas apenas como algo positivo e que trarão somente bons frutos no futuro (a prepotência da técnica); não se reflete sobre o outro lado, o qual pode apontar agressões à vida humana e à natureza – a ausência da reflexão é prejudicial tanto ao homem quanto à natureza. A humanidade não está preparada para o desenvolvimento tecnológico e nem sabe lidar com essa questão, utilizando o pensamento que medita. Assim procede a personagem principal, seduzido pelo discurso científico e técnico e distanciado da reflexão sobre esse pensamento e seu intento de tudo controlar. O seu fim trágico, porém, satiriza e enfraquece esse pensamento, revelando-o inoperante. O enraizamento das obras humanas está sendo ameaçado, porém é possível retornar a ele traçando o caminho da reflexão. Entretanto, aqui tem-se a narrativa de “resistência”, pois no conto a reflexão por parte do leitor ocorre e o pensamento que calcula é desacreditado. Heidegger (2000) ainda chama a atenção para a questão de não haver propósito no homem simplesmente investir, às cegas, contra o mundo técnico – algo que ocorre em *O Alienista*. A Revolta dos Canjicas é um movimento contra as ações do alienista, porém é justamente uma investida às cegas; deseja-se acabar com a Casa Verde, ou seja, a destruição completa dos estudos de Simão Bacamarte na área da Psiquiatria. As pesquisas e práticas do alienista não devem possuir o poder elevado ao ponto de ser incontestável, como também não podem ser completamente removidas sem uma contestação plausível – em ambos os casos não há reflexão.

3. Considerações finais

Por fim, chega-se à conclusão de que a revolução da técnica pode deslumbrar o homem a tal ponto – como ocorre em *O Alienista* – que o pensamento que calcula viria a se tornar o único exercido por ele.

A falta de reflexão do homem o torna um escravo da técnica e da ciência. Nesse caso, a reflexão é algo a ser resgatado pelo homem para ponderar suas

ações e criar um harmonia entre ele e o mundo tecno-científico. Heidegger chama a atenção para isso por intermédio do seu discurso em *Serenidade*, posicionando-se contra o discurso autoritário da ciência. Machado de Assis induz a essa reflexão por meio da ironia presente em seu conto: ao se trancafiar para se autoestudar, Simão Bacamarte não consegue tecer uma linha de raciocínio reflexiva; ele só tem domínio sobre seus estudos e teorias que o auxiliavam na classificação de patologias. No final do conto, quando o narrador anuncia o falecimento de Bacamarte, ele também menciona que a população de Itaguaí acreditava que o único alienado era o alienista. Simão Bacamarte parece ser a alegoria da própria ciência e termina por revelá-la como pretensiosa e autoritária. Assim como a ciência e a técnica alienam o homem por ele não contestá-las, elas também acabam sendo alienadas pela falta de reflexão: “Então o Homem teria renegado e rejeitado aquilo que tem de mais próprio, ou seja, o facto de ser um ser que reflecte. Por isso o importante é salvar essa essência do homem. Por isso o importante é manter desperta a reflexão.” (HEIDEGGER, 2000, p.26).

A técnica exposta por Heidegger ou a ciência mostrada por Machado de Assis precisa da reflexão e ser mais ponderada, pois o homem necessita utilizá-las – não é possível simplesmente aboli-las como algo extremamente negativo. A técnica deve ser utilizada com cautela e ser barrada quando necessária, para assim não absorver o homem. Não se deve usá-la excessivamente e muito menos deixar de utilizá-la. Essa ambiguidade desenvolvida por Heidegger sobre dizer “sim” e “não” aos objetos técnicos torna a relação entre o homem e o mundo técnico algo mais simples e tranquilo. É dessa forma que nasce a “serenidade” entre o homem e o mundo tecno-científico, como finaliza Heidegger em seu texto: “Quando a serenidade para com as coisas e a abertura ao mistério despertarem em nós, deveríamos alcançar um caminho que conduza ao novo solo. Neste solo a criação de obras imortais poderia lançar novas raízes.” (HEIDEGGER, 2000, p. 27). A literatura de Machado de Assis, por intermédio de seu conto, revela a nós leitores, a partir de sua situação bem particularizada, a do médico, sua clínica e a comunidade de Itaguaí, no Brasil oitocentista, que o pensamento científico autoritário deve ser contestado pelo pensamento que reflete. A boa e necessária literatura é uma literatura de resistência ao pensamento que oblitera a reflexão.

4. Notas

¹ HEIDEGGER, Martin. *Serenidade*. Trad. Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, 2000. Doravante as citações se referem a essa edição.

² BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

³ ASSIS, Machado. *O Alienista*. Rio Grande do Sul: L&PM Pocket, 1998. Doravante, todas as citações se referem a essa edição e virão acompanhadas da respectiva página e da abreviatura OA.

5. Referências bibliográficas

ASSIS, Machado. **O Alienista**. Rio Grande do Sul: L&PM Pocket, 1998.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos decisivos**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981.

COCCO, Ricardo. **A questão da técnica em Martin Heidegger**. Revista Controvérsia. v. 2 n° 1, jan-jun 2006.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências: A questão da técnica**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

_____. **Ensaio e conferências: Ciência e pensamento do sentido**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Editora vozes, 1997.

_____. **Serenidade**. Trad. Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.